Apesar da desfiguração do bairro, Itapuã ainda mantém monumentos e personagens, objeto da inspiração dos poetas

Berço de inspiração

Itapuã ainda guarda parte da paisagem que entusiasmou artistas que cantam a Bahia

Andréa Nascimento

Quando Vinícius de Moraes começou a construir sua morada baiana, fez uma exigência ao projetista Sílvio Robatto: que a banheira fosse construída numa posição que permitisse ao poeta contemplar o mar de Itapuã até durante seus longuíssimos banhos. Com suas praias de águas mornas, o farol secular, a Lagoa do Abaeté e a bela paisagem de coqueirais, o bairro ainda inspirou artistas como Dorival Caymmi, Carlos Bastos, Sante Scaldaferri, Caiasans Neto e Juca Chaves. Mas será que ainda vale a pena passar um tarde em Itapuã?

Boa parte do mar sem tamanho está poluída pelos esgotos domésticos, o mercado de peixes e mariscos agride o olfato, a feira acumula lixo e o burburinho da 'cidade' há muito maculou o ritmo preguiçoso de outros tempos. Mas bate-coxa no Quiosque de Janaína, o acarajé caprichado de Cira e a lagosta à vinagrete na barraca de Josefa (Rua M) ainda provocam preguiça no corpo e atraem baianos e turistas para o bairro, que continua possuindo uma paisagem privilegiada.

Depois dos índios - A fonte mais expressiva do que foi e do que é Itapuã são os pescadores, primeiros habitantes do bairro depois dos índios. Eles chegaram para ocupar o espaço próximo à costa, onde havia peixe em abundância. "Nessa época, a rua era de barro e as casas de palha, sem água nem luz. Para chegar à cidade, a gente tinha que caminhar umas três horas. Era o único jeito de ir", lembra o comerciário Edvaldo Xavier, 60 anos, filho de pescador, nascido e criado em Itapuã.

Para vender o peixe, assado ou salgado, era preciso ir ao mercado das Sete Portas de jegue. Mais tarde, o bairro passou a contar com uma única marinete, que saia pela manhã e voltada à tarde. "Quem perdesse ela, só no dia seguinte", conta Pai Velho, como é conhecido Nelson dos Santos, 57 anos, presidente da Colônia de Pesca Z-6, a primeira de Salvador, inaugurada em 1956, por Mário Paraguaçu e Genebaldo Figueiredo - ex-prefeito da capital.

Hoje, 1.480 pescadores profissionais, amadores e contribuintes estão associados à colônia. Muitos pescadores praticam a pesca artesanal, de linha, arte passada de pai para filho. "É uma atividade cansativa que não está interessando muito aos mais novos", lamenta Felipe Manoel dos Anjos, 53 anos de idade e 27 de mar. Morador de Itapuã desde menino, ele faz parte dos chamados itapoanzeiros ou filhos de Itapuã.

Estes, são os mais desencantados pelas mudanças sofridas pelo bairro, dividido em anos 60, Itapuã se transformou num dos pontos de articulação entre o Centro e a Zona Industrial da Região Metropolitana de Salvador. Isso contribuiu para a explosão de condomínios e villages, que dividem espaço com grandes invasões, como Nova Brasília, Alto do Coqueirinho e Malvinas, iniciadas principalmente na década de 70.

Mas, por ambos os lados, Itapuã renasce. A juventude bronzeada de Salvador redescobriu o bairro através de praias como Flamengo, Pedra do Sal, Aleluia e Stella Mares. Revitalizado e equipado, o Abaeté conserva o espaço das lavadeiras de ganho, ao mesmo tempo em que mantém um centro de lazer, freqüentado por centenas de baianos de todas as classes. Por tudo isso, nada como ter um dia inteiro "pra vadiar" em Itapuã.

Cenário de caça às baleias

O paisagem tranqüila de Itapuã já foi cenário de uma matança cruel: a caça às baleias. A atividade era mais intensa em agosto, quando os cetáceos migravam do Pólo Sul para acasalar e dar cria nas águas quentes da costa baiana. Os pescadores saíam em baleeiros para atacar as baleias com arpões. Os alvos mais fáceis e estratégicos eram os filhotes, que serviam de isca para atrair as mães.

Depois de mortas, elas eram levadas para uma espécie de barracão, onde era feito o contrato ou desmancho da baleia, totalmente desossada. A carne era aproveitada como alimento, sendo que mais precioso era o óleo, usado para diversos fins. Entre eles, compor a massa para as construções (na época não havia cimento), fazer remédios e combustível para lampiões.

Dessa tradição, que ajudou a incluir as baleias na lista dos animais em processo de extinção, alguns pescadores falam sem nenhum orgulho e com certo constrangimento. "Era um trabalho muito violento e agressivo. Mas hoje a gente só tem admiração pelas baleias que passeiam pela costa", diz Felipe dos Anjos, que se dedica à pesca de mergulho.

Parte da história do bairro, a caça às baleias é uma lembrança que revive durante três ou quatro meses por ano, quando a maré revela na areia da praia os ossos dos cetáceos mortos. Esse museu de verdadeiras esculturas naturais hoje é, ironia das ironias, mais uma coleção de coisas belas de Itapuã.

História de pescador

Um dos mais antigos pescadores vivos de Itapuã, seu Vivi é um personagem ímpar. Contrariando a regra, talvez seja o único pescador que não conta vantagem de seus feitos no mar. Vai mais longe e garante que foi o pior de todos os pescadores de Itapuã. Por que? Também quis saber. "Minha sorte era pouca e meu saber não ajudava", garante Vicente Santiago de Souza Filho, 83 anos, viúvo e sem filhos. "Aqui tinha uns que pescavam mais de 100 quilos por dia, eu não passava de três ou quatro", conta mestre Vivi, como para provar que está falando sério.

Apesar disso, confessa as saudades do mar, das tempestades que engrossavam as águas e do vento forte que agitava a vela dos barcos. "Quem pesca hoje tá no paraíso. Antigamente que o mar era brabo, não tinha só esse ventinho de agora", compara seu Vivi, dando um primeiro sinal de imodéstia ao garantir que sobreviveu sem apertos a muitas tormentas no mar. "Elas nunca me empataram. Eu saía de barco hoje e chegava, mais tardar, no dia seguinte", diz ele, que chegou a ter três embarcações. "Mas agora eu tô velho, o mar não me quer mais".

CURIOSIDADES

- Uma frota de sete navios da Coroa Britânica aportou em Itapuã em plena II Guerra Mundial. A caminho da África do Sul, eles aceitaram o convite do governo brasileiro para dar uma paradinha por estas 'plagas', despistando os submarinos alemães. A estada durou apenas um dia, mas 200 dos 15 mil soldados ingleses se deixaram seduzir pelo canto da sereia de Itapuã e desertaram.
- Em 1939, quando ainda era desconhecida da maioria dos baianos, a Praia de Itapuã foi tema de um documentário dirigido por Ruy Santos. A película premiada trazia entre suas imagens a figura de um pescador puxando um jumento. Nada demais, se o tal pescador não fosse, nada mais, nada menos, que Jorge Amado em sua única experiência como ator de cinema.
- Itapuã em tupi-guarani significa 'Pedra de Ponta' e não 'Pedra que Ronca', como muitos acreditam. O motivo do engano é o ronco provocado pelas ondas que penetram na cavidade da rocha que deu nome ao bairro. Semelhante ao perfil de um macaco, ela fica no mar, na altura da Rua I.
- A verdadeira rainha das águas doces do Abaeté não é Oxum. Quem reina sobre a lagoa escura é a não menos bela Euã, orixá raro que vive nos matos e dança como se estivesse embalando uma criança. Palavra de Jorge Amado.
- Segundo dados levantados pela diretoria do bloco Malê Debalê, a Lagoa do Abaeté era o local predileto dos escravos malês, negros cultos de origem muçulmana que protagonizaram uma revolta em 1832, chefiada pelo alufá Licutã. Os participantes foram dizimados ou deportados. A história inspirou o nome do bloco, tricampeão entre os afros na avenida e responsável por programas educativos e sociais desenvolvidos junto à comunidade de Itapuã.